

# Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 14 | N.º 106 | distribuição gratuita | Revista Municipal

## Catálogo Epigráfico de Lousada

### Epígrafe do Penedo do Sol (Figueiras)

Luís Sousa\* e Cristiano Cardoso\*\*

#### 1. O Projecto

O projecto mencionado tem como principal objectivo a salvaguarda, fixação, valorização e divulgação do Património Epigráfico do Concelho de Lousada. Implementado segundo procedimentos técnico-científicos nunca antes usados no âmbito do concelho de Lousada, este projecto obedece a um planeamento rigoroso que conduzirá a uma identificação exhaustiva do real *Corpus* epigráfico lousadense, eliminando definitivamente interpretações incompletas e incorrectas, sucessivamente repetidas por diversos autores. O presente trabalho visa ainda o reconhecimento da particularidade dos testemunhos epigráficos como documentos/monumentos para uma interpretação crítica e global da história do território que hodiernamente compreende o concelho de Lousada. Assim, pretende-se caracterizar os modelos epigráficos existentes na área geográfica do estudo e estabelecer leituras comunicantes com a epigrafia portuguesa em geral, mas muito particularmente com as evidências epigráficas do Sousa e Tâmega.

No respeitante ao estudo das inscrições e os suportes em que se acham gravadas, optamos por adoptar o postulado por José d'Encarnação (1997), Armando de Matos (1943 e 1946) e Mário Barroca (2000), respectivamente para a epigrafia clássica e medieval, adequando-se a metodologia empregue no estudo epigráfico do âmbito temporal aludido para os períodos moderno e contemporâneo, em virtude da falta de estudos/manuais de referência que norteiem a tomada de procedimentos adequados à especificidade de que se reveste o estudo de epígrafes de etapas históricas mais próximas. Sem pretendermos ser exhaustivos, cumpre esclarecer o esquema a seguir no estudo dos monumentos epigráficos. Assim, para além da imperativa localização geo-administrativa, e não necessariamente por esta ordem, atenderemos na tipologia (ara, estela, placa, pedestal, miliário, lintel, padieira, silhar, coluna, penedo, tampa de sepultura, cruzeiro, entre outros que, se ocorrerem, oportunamente serão incluídos), material (calcário, mármore, granito, xisto, metal, madeira, etc.), paradeiro (quando deslocado do local de origem), descrição, dimensões (sempre em centímetros-cm, expostas do seguinte modo: altura X largura X espessura), leitura interpretada, tradução, altura das letras e es-



Fig. 1 - Penedo do Sol. Perspectiva de Este.

paços interlineares, bibliografia, variantes de leitura, e comentário paleográfico e histórico.

Assim, auguramos com este projecto firmar no tempo um ímpar e abrangente conjunto de documentos que enriquecem o concelho de Lousada e nos possibilita melhor compreender certos momentos da sua História.

Foi definido um escalonamento metodológico para o projecto que se concretiza de duas formas. As *Fases* correspondem a uma proposta metodológica no sentido de estabelecer uma diacronia dos procedimentos técnico-científicos. As *Etapas* garantem a observação e a materialização de zonas geográficas, permitindo uma periodização das acções.

Nesta conformidade, temos, quatro fases: Identifica-

\* Arqueólogo. CML. Projecto CEL. [luis.sousa@cm-lousada.pt](mailto:luis.sousa@cm-lousada.pt).

\*\* Técnico Superior de Ciências Históricas. CML. Projecto CEL. [cristiano.cardoso@cm-lousada.pt](mailto:cristiano.cardoso@cm-lousada.pt).

ção, levantamento e inventariação de epígrafes; leitura e interpretação, redacção de textos e elaboração de grafismos; edição monográfica e lançamento do *Catálogo Epigráfico de Lousada* e divulgação e valorização. As Etapas concretizam uma divisão geográfica do concelho de Lousada de carácter meramente metodológico.

Concretizando o que fica exposto relativamente à Fase 1 passamos a definir o seguinte:

**Identificação** - Através de um conjunto de processos que incluem a pesquisa bibliográfica e documental exaustiva, a exploração sistemática do território (prospecção) e a recolha de informação oral será compendiada toda a informação relativa a epígrafes que permita um reconhecimento ordenado da realidade concelhia desta tipologia de Património.

**Levantamento** - Aplicação de técnicas de levantamento de epígrafes, adequando os processos às características e fragilidades do suporte em questão. O decalque com recurso a polietileno transparente, o levantamento monocromático e aplicação de luz rasante constituem os principais métodos de levantamento epigráfico.

**Inventariação** - Elaboração de uma ficha de inventário tipo que permitirá a descarga das informações entretanto coligidas nos dois procedimentos técnicos anteriores. Esta ficha de inventário constituirá a base da análise e da interpretação articulada dos dados, integrando os conteúdos das futuras formas de divulgação (monografia, exposições, conteúdos pedagógicos, etc.) e subsidiando a realização de textos e grafismos.

A principal característica inovadora deste projecto consistirá na aplicação de uma metodologia de pesquisa baseada num profundo conhecimento do território e na determinação de um modelo de apresentação dos dados muito apelativo e claro.

“A epigrafia de cada povo, de cada país, de cada civilização, não é igual à de outro povo, de outro país, de outra civilização. Cada região tem o seu carácter próprio” (Matos A., 1946: 18), é este individualismo que queremos verificar e evidenciar para o concelho de Lousada com o projecto agora divulgado.

## 2. A freguesia de Figueiras

Pelas Inquirições de 1258 a igreja de Figueiras pertencia a cavaleiros e a herdadores (trabalhadores livres que podiam possuir bens próprios). Já por esta época, a Ordem de Malta possuía 7 casais em Figueiras, todos eles adquiridos por esta ordem militar através de compra ao longo da primeira metade do século XIII. Confrontando com o tombo da comenda de Santa Eulália de 1645, os casais pertencentes à Ordem de Malta eram: Portelinha, Quintã, Casal, Pombal, Igreja, Sol e Souto



Fig. 2 - Vista geral sobre a Casa do Casal.

(Lopes,2004:221) (*Tombo da Comenda...*, 1645: 143v e ss.).

O direito de padroado desta igreja passou integralmente para a posse da Ordem do Hospital (ou de Malta) ainda antes da primeira metade do século XV. Segundo o *Catálogo dos Bispos do Porto* e a *Corografia Portuguesa* a apresentação do pároco pertencia exclusivamente ao Hospital. Contudo, sobre este direito, houve uma longa contenda entre o bispo do Porto e a ordem militar, facto registado nas *Memórias Paroquiais* de 1758 (Santos, 1972: 114) (Cunha,1742:164) (Costa,1706:395) (Capela, Borralheiro e Matos, 2009).

## 3. Inscrição moderna do Penedo do Sol

Iniciamos o supradito projecto com a inscrição do «*Penedo do Sol*», situado no lugar do Sol, em Figueiras, freguesia do concelho de Lousada, junto a um muro de sorte, no cimo de uma pequena tapada de mata (fig.1). A área circundante bem como o próprio monumento são presentemente propriedade da Junta de Freguesia de Figueiras.

O penedo granítico que serve de suporte à inscrição revela formato cónico, mais largo na base que no topo, tendo um perímetro máximo de aproximadamente 700cm e de altura 230cm. No topo encontra-se cravado um cruzeiro, de igual matéria rochosa que a do penedo, de boas proporções, com haste de 176cm de altura e braços de 74cm de comprimento. Quer a haste, quer os braços apresentam secção octogonal de 19cm. A base é quadrangular (20cmX19cm), com um ligeiro estreitamento (c. 19cm X18cm) que funciona como espigão, tendo no penedo sido realizada uma cavidade com 20cm X19cm de lado para encaixe.

Datada de 1548, a inscrição monumental do Penedo do Sol, gravada em letra capital, distribui-se por três faces, genericamente voltadas a Este, Norte e Oeste, devendo ler-se com este alinhamento, isto é, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Seguindo a ordem descrita, a inscrição revela o conteúdo seguinte:

### Face Este

Neste quadrante do penedo, a inscrição é encimada por uma cruz da Ordem de Malta com 41cm de diâmetro. Esta é facilmente identificada pela sua particular característica - quatro braços que se juntam nas bases, conformando nas extremidades oito pontas.

Compreende esta parte da epígrafe seis regras e, como se verá nas restantes, verifica-se que pelas dimensões dos espaços interlineares e interliterais e a altura das letras, o texto se acha regularmente dimensionado e alinhado, depreendendo-se que este terá sido gravado após prévia paginação, tendo obedecido ao traçado de linhas guia ou de apoio intermédias que auxiliaram o lapicida a vincar e firmar no tempo a inscrição. A superfície onde esta foi gravada revela deliberada intensão de desbravamento e rebaixamento da rocha com o fito de criar uma face plana e bem regularizada para facilitar a abertura das letras. O campo epigráfico mostra uma altura de 156cm e 117cm de largura, área que aquando da gravação do texto não foi utilizada na totalidade. Todavia, para o lapicida manter a regularidade da altura e espaçamento das letras recorreu ao uso de abreviaturas, nexos e uma contracção a meia altura das letras. Duas das abreviaturas foram conseguidas pela adição do "TIL" sobre as palavras «MANDOV» e «SANTA», ressaltando-se a particularidade de na mesma palavra «MANDOU» se verificar conjuntamente um nexos no "DO". Uma outra abreviatura nota-se na palavra «PERO». Tal como no texto gravado na face Oeste, verificamos o emprego do encolhimento do "O" a meia altura das letras, neste caso entre o "T" e o "O" da palavra «EITOR». Um outro nexos observa-se na palavra «MARIA», composta somente por um "M" com um "A" centrado em expoente.

De todas as faces, esta é a única parte da inscrição em que confirmamos o uso de pontos como elementos de separação de palavras. Um provável ponto distintivo surge na primeira linha, a meia altura da última letra da palavra «ESTA». O sulco não é tão definido quanto os restantes, mas parece ser intencional, conquanto haja um evidente espaçamento entre as palavras. Aos restantes dois não lhe conferimos dúvidas, ainda que apareçam postos de modo distinto - um em expoente e um outro na base, como se de um ponto final se tratasse. Reportamo-nos concretamente ao ponto elevado no fim da palavra «FREI», e ao ponto colocado abaixo do "A" do termo «SANTA».

Resta-nos a propósito desta inscrição referir que em razão de a palavra «FREI» se encontrar em nexos, possuir ponto distintivo em expoente e haver uma clara separação relativamente à palavra seguinte, que a duplicação do termo "EIEI", que forma a palavra «EITOR», terá sido, por razões claras que nos escapam, um erro do lapicida.

**Espaços interlineares:** L1 – 3,8(3,4); L2 – 4,6(4,2); L3 – 4,1(3,0); L4 – 4,1(2,5); L5 – 3,8(2,9); L6 – 2,4(1,5). **Espaços interliterais:** L1 – 6,6(0,5); L2 – 5,7(0,3); L3 – 4,0(0,3); L4 – 5,7(0,4); L5 – 9,1(0,7); L6 – 3,7(2,2). **Altura das letras:** L1 – 13,6(12,6); L2 –

14,1(12,9); L3 – 13,8(11,9) (abrev. MA=17,8); L4 – 15,2(12,9) (nexos RE+pontodistintivo=15,2); L5 – 14,7(12,3) (abrev. SA+pontodistintivo=20,4/nexos MA=18,1/abrev. PO=18,6); L6 – 6,1(10,7).

### Face Norte

Com quatro regras seguidas de um grafismo, a epígrafe da face Norte é a que compreende o texto mais curto, porém, revela algumas particularidades interessantes que convém realçar, designadamente a ausência de uma cruz da Ordem de Malta sobreposta à epígrafe e a presença de um grafismo indecifrável logo abaixo da palavra «LUIS».

As dimensões máximas do campo epigráfico cifram-se em 157cm de altura e 70cm de largura. Apesar da superfície revelar um dimensionamento amplo, a inscrição não foi agravada numa extensão uniforme, tendo-se adaptado à morfologia do penedo quer à direita, quer em baixo.

Da análise efectuada ao texto verifica-se, como observado nas faces Este e Oeste, a existência na 2ª e 3ª linhas de dois nexos inclusos, ambos tratando-se do "O" no interior da "pança" do "D", respectivamente na contracção «DO» (de+o) e na palavra «DOM».

Na mesma linha do *ordinatio* constatado no texto da face Este, é evidente o normal dimensionamento e enfileiramento das letras, depreendendo-se que este terá igualmente sido gravado após prévia paginação, tendo obedecido ao traçado de linhas guia ou de apoio intermédias.

**Espaços interlineares:** L1 – 3,2(2,7); L2 – 3,7(3,6); L3 – 4,9(4,7); L4 – 3,3.

**Espaços interliterais:** L1 – 4,3(2,2); L2 – 5,8(0,6); L3 – 3,6(1,5); L4 – 4,8(2,3).

**Altura das letras:** L1 – 16,3(14,3); L2 – 14,5(12,8); L3 – 13,9(13,1); L4 – 14,2(12,4).

### Face Oeste

Tal como na face Este, igualmente se atesta lavrada uma cruz da Ordem de Malta, posto que de módulo ligeiramente maior, com 48cm de diâmetro, porém, seguindo a sua típica forma de quatro braços conformando nas extremidades oito pontas.

Compõe-se de quatro regras abertas num campo epigráfico sensivelmente com 93cm de altitude e 88cm de largura.

A inscrição da face Oeste não contempla qualquer abreviatura, antes contracções que visaram o máximo aproveitamento do campo epigráfico. Na primeira linha a palavra «TIZOVREIRO» mostra-nos duas formas de abreviar: uma através do encolhimento do "O" a meia altura das letras entre o "Z" e o "V" e uma outra por elevação directa do "O" sobre o "R", em expoente. As restantes contracções verificam-se na palavra «MOSTEIRO», ambas elevadas. Eventualmente poder-se-ia considerar o primeiro "O" como um nexos, todavia, por não haver conexão com o "M", achamos que a opção tomada será porventura a mais correcta. Na segunda linha notamos o único nexos aqui empregue. Este acha-se na contracção «DO», tratando-se de um nexos incluso, isto é, a letra "O" foi gravada no interior do "D", aproveitando deste modo o espaço vazio conseqüente da forma em "pança" do "D".

**Espaços interlineares:**L1–2,2; L2–2,9(2,5); L3–2,7(2,2); L4–3,5(3,2).

**Espaços interliterais:**L1 – 3,9(0,9); L2 – 4,0(1,1); L3 – 3,1(1,2); L4 – 4,1(0,7).

**Altura das letras:**L1–14,3(12,8) (cont. “RO”=19,6); L2–14,2(12,5) (abrev. “MO”=14,2); L3–14,2(12,8); L4–13,3(11,6).

infante dom Luis, tizoureiro do mosteiro de Leça, na era 1548 (mil quinhentos e quarenta e oito).

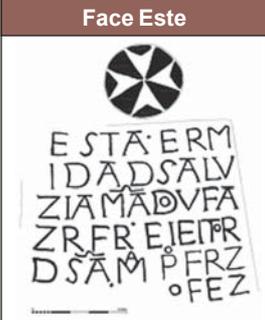
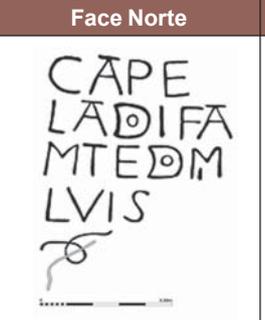
#### 4. A capela de Santa Luzia: fundação e administradores

A inscrição do Penedo do Sol indica-nos com clareza a existência de uma ermida consagrada a Santa

Luzia originalmente erigida naquele local. O padre Francisco Peixoto, nos seus artigos do princípio do século XX, já havia desmontado a lenda perpetuada na tradição popular e apresentado uma primeira leitura e interpretação para a referida epigrafe (Peixoto, 1915:2).

Frei Heitor de Santa Maria, pároco do Salvador de Figueiras, apresentado pelo balio de Leça a 13 de Junho de 1548, mandou, logo nesse ano, construir, crê-se que à sua custa, a referida ermida, não sendo conhecidos, contudo, o rendimento afecto à sua fábrica. Terá sido, com efeito, a falta de recursos que a conduziu quase à ruína, conforme se

depreende do *Auto de petição para mudança da capela* a favor de José Ferreira Leal e de sua mulher Josefa de Meireles Freire, datado de 19 de Fevereiro de 1733. Aos suplicantes foi concedida licença para desmontar o que restava da capela e traslada-la para a sua quinta do Casal (fig. 2). Ainda nesse mesmo ano a obra estava concluída e foi emitida licença para se proceder à bênção pelo pároco da freguesia (*Auto de Petição...*, 1733) (Silva, 1997:136) (Moura, 2009:263).

Face Este	Face Norte	Face Oeste
		
<p>ESTAERM IDA DSALV ZIA MADOVFA ZRFR EIEI PR DSAM PFRZ OFEZ</p>	<p>CAPE LADOIFA MTE DOM LVIS</p>	<p>TIZOVREIRO DOMOSTEIRO DELECANNA ERA 1548</p>

#### Leitura:

ESTAERM / IDAD(e) S(ant)ALV / ZIAMA(n)D(O)VFA / Z(e)R FR(E)(i)EIEIT(O)R / D(e) SA(nta) M(A)(ria) P(er?)OF(e)R(nande)Z / O FEZ / CAPE / LA[m] D(O) I[n]FA / MTE D(O)M / LVIS / TIZ(O)VREIR(O) / D(O) M(O)STEIR(O) / DE LECA NA / ERA 1548.

#### Tradução:

Esta ermida de Santa Luzia mandou fazer Frei Eitor de Santa Maria, Pero Fernandez o fez, capelam do

## Fontes e Bibliografia

- Arquivo Distrital do Porto. Fundo Monástico. *Comenda de Santa Eulália da Ordem*. Livro 4.º do Tombo.
- Arquivo Episcopal do Porto. *Auto de Petição para mudança de capela...* Processo contendo vários documentos.
- BARROCA, M. J. (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422): Corpus Epigráfico Medieval Português*, Volume 1. Porto: FCG/FCT/MCT
- CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga. Edição de autor.
- COSTA, A. C. da (1706) – *Corografia Portuguesa*. Lisboa: Valentim Costa Deslandes. Tomo I.
- CUNHA, R. (D.) (1742) – *Catálogo dos Bispos do Porto*. 2.ª Impressão. Porto: Oficina Prototypa. Parte II.
- ENCARNAÇÃO, J. (1997) – *Introdução ao estudo da epigrafia latina*. Cadernos de Arqueologia e Arte 1. Coimbra: FLUC/Instituto de Arqueologia.
- LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal.

- MATTOS, A. (1943) – *Nótulas Epigráficas, 1ª Série, in Douro-Litoral*, nº VII. Porto: Junta de Província do Douro-Litoral, pp. 5-18.
- MATTOS, A. (1946) – *Epigrafia do Douro-Litoral: Introdução, in Douro-Litoral*, 2ª Série, nº V. Porto: Junta de Província do Douro-Litoral, pp.13-20.
- MOURA, A. S. de (2009) – *Lousada Antiga. Das origens à Primeira República*. [s. l.]: Ed. Autor. 2.ª Parte - Das Freguesias.
- NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. (2008) – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal.
- PEIXOTO, F. A. (1915) – *Lousada. Sua origem e antiguidades, in Jornal de Louzada*. N.º de 20.6.1915.
- SANTOS, C. A. D. (1973) – *O Censal da Mitra do Porto: subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do Concílio de Trento*. (Documentos e memórias para a história do Porto, 39). Porto: Câmara Municipal.
- SILVA, J. C. R. da (1997) – *As capelas públicas de Lousada*. Tese de Seminário. Porto: Univ. Portucalense. Policopiada. Vol. II.